

**Me. Maria Goretti Guerreiro Silva  
de Sousa**



Universidad San Carlos (USC)  
[gorettiguerreiro@hotmail.com](mailto:gorettiguerreiro@hotmail.com)

**Esp. Ana Karina de Almeida  
Gomes**



Prefeitura Municipal de Caucaia  
(PMC)  
[claudioekarinagomes@hotmail.com](mailto:claudioekarinagomes@hotmail.com)  
[m](#)

**Dra. Ana Eugenia Gonzalez  
Chena**

Universidad San Carlos (USC)

**Submetido em:** 01/12/2021

**Aceito em:** 09/05/2022

**Publicado em:** 22/06/2022



10.25190/rec.v11i1.9

## FATORES QUE DIFICULTAM A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA FASE ADULTA NO CURSO LIVRE DE INGLÊS

### RESUMO

Neste século moderno, ter domínio de um idioma significa crescimento, amadurecimento, e mais desenvoltura para acompanhar as mudanças universais, no entanto, muitas pessoas ainda apresentam dificuldades em apreender outra língua. Analisado o desempenho em várias faixas etárias, percebe-se que ocorrem no início da fase adulta. Diante dessa problemática, este trabalho teve como objetivo geral, conhecer o processo de aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira; os objetivos específicos foram: observar a diferença entre a aquisição e a aprendizagem de uma segunda língua na fase adulta do indivíduo; considerar a significância em aprender a língua inglesa; reconhecer os principais fatores que dificultam esse tipo de aprendizagem, no período do Curso Livre de Inglês; realizar uma pesquisa na turma do primeiro semestre, de Língua Inglesa do Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC); averiguar a interação no ambiente de aprendizagem e o processo de aprendizagem da LI. No percurso metodológico se usou a pesquisa qualitativa, realizou-se estudos teóricos em relação a fase adulta, no que diz respeito a aquisição, e o modo de aprendizagem da LE. No que concerne aos resultados da pesquisa, identificou-se alguns fatores, em que se considera responsáveis por algumas dessas dificuldades, manifestadas no início da aprendizagem na fase adulta, e que na LI, maior parte dos alunos não tem rotina programada para estudar. Mesmo assim, diante das dificuldades e limitações afirmaram que pretendem concluir o curso, pois são motivados pelo desejo do crescimento profissional, enquanto outros pretendem realizar uma viagem internacional, desenvolver competência comunicativa e eficiente. Esta temática se considera relevante, deixa algumas reflexões para outros pesquisadores, e possíveis contribuições para melhorar a aprendizagem nos estudos da Língua Inglesa na fase adulta.

**Palavras-chave:** Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira. Língua Inglesa. Teoria e Prática.

## FACTORS THAT RESULT IN DIFFICULTIES IN ENGLISH LANGUAGE LEARNING FOR ADULTS

### ABSTRACT

In the twenty first century, speaking a second language means growth, maturity, and more resourcefulness to follow global changes, however, many people have difficulties in learning another language. Analyzing the performance in many age groups, it can be noted that the difficulties occur in early adulthood. Faced with this problem, this paper aimed to know the process of acquisition and learning a foreign language; the specific goals were: to observe the difference between acquisition and learning a second language in adulthood; to consider the significance of learning the English language; to recognize the main factors that make learning difficult during an English Course; to carry out a research in the first semester's class, of the Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC); and to investigate the interaction in the learning environment and the English language learning process. Therefore, qualitative research was used, and theoretical studies were carried out in relation to the adult phase, regarding the acquisition and learning a foreign language process. According to the research results, some factors were identified, in which they are considered responsible for some of the difficulties presented at the beginning of learning a foreign language in adulthood, most students do not have a study routine. Even so, in the face of difficulties and limitations, they intend to complete the course, as they are motivated by the desire for professional growth, while others intend to travel abroad, develop communicative and efficient competence. This theme is considered relevant because presents some reflections for other researchers, and contributions to improve English language learning for adults.

**Keywords:** Foreign Language Teaching and Learning. English Language. Theory and Practice. Adulthood.

## 1 INTRODUÇÃO

Algumas pessoas apresentam dificuldades em aprender uma segunda língua, percebe-se que as maiores dificuldades, na aprendizagem do idioma tem início na fase adulta. De acordo com a Lei N° 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o estudo de uma língua estrangeira passa a ser obrigatória a partir do 6º Ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e no Artigo 26, inciso 5º, garante o direito do estudo de uma LE, na rede pública e privada de ensino, no entanto a falta de qualidade no ensino tem prejudicado a aprendizagem do idioma na Educação Básica.

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (BRASIL, 2017).

A falta de renda para investir em curso de idioma na rede privada, considera-se outro fator que dificulta os estudos de uma segunda língua. Diante disso, surgem as seguintes questões: O que faz com que muitos adultos tenham dificuldades de aprender um segundo idioma? Quais as estratégias que poderiam ser usadas, para amenizar essas dificuldades? A globalização e o uso das novas tecnologias, principalmente a *internet*, tem gerado essa necessidade, e o estudo de uma segunda língua deixou de ter limites econômicos, culturais ou geográficos se tornado imprescindível e essencial no universo acadêmico e profissional.

Este artigo se deteve como objetivo geral, conhecer o processo de aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira; os objetivos específicos foram: observar a diferença entre a aquisição e a aprendizagem de uma segunda língua na fase adulto do indivíduo, e as principais causas que justificaram a procura por um curso em língua estrangeira; considerar a significância em aprender a língua inglesa, como essencial e fundamental para atualidade; reconhecer os principais fatores que dificultam esse tipo de aprendizagem, no período do Curso Livre de Inglês; realizar uma pesquisa na turma do primeiro semestre, de Língua Inglesa do Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC); averiguar a interação no ambiente de aprendizagem e o processo de aprendizagem da LI, para o confronto com a teoria e a prática.

## 2 AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

O processo de aquisição da Língua Materna (LM) é obtido com facilidade e rapidez, durante o contato direto do indivíduo com a língua pertencente à comunidade em que faz parte, ou controlar de maneira consciente as categorizações da fala, porém, é preciso a exposição de situações interativas do cotidiano.

A língua materna é uma língua que se adquire sem aprendê-la, uma língua-reflexa, uma fala abundante, invasora, que vem do interior das entranhas e que será falada, em consequência, sem vigilância metalinguística, sem que o falante calibre ou controle conscientemente os efetivos discursos categoriais de sua fala (WALD, 1989, p. 95-96).

Dessa forma, entende-se que em poucos anos o indivíduo se torna falante ao usá-la, visto que, adquire por meio do convívio familiar, através de pessoas do cotidiano e/ou da comunidade. Nesse processo a aquisição é internalizada de forma inconsciente, dentro de um sistema linguístico por meio da interação natural da LM.

Conforme o relato de Wald (1989), a aquisição dessa língua, está relacionada na maneira como a pessoa consegue adquirir os conhecimentos de modo espontâneo, sem cobranças e vigilâncias, e quando se parte para o estudo de um segundo idioma se percebe que existe diferença entre a aquisição e a aprendizagem de uma segunda língua (L2) ou de uma LE.

No que concerne ao estudo de um segundo idioma, observa-se que existe a diferença entre a aquisição e a aprendizagem de uma segunda Língua (L2) ou de uma Língua Estrangeira (LE). Sánchez (2018, p. 47), menciona que: "A aquisição que é alcançada em contextos socioculturais, através de uma atividade

espontânea, automatizada e não consciente, é responsável pelo comportamento fluido que implica o domínio da L2”.

Com base na explicação de Schutz (2018), assimila-se que a aquisição da língua, como processo de assimilação natural, subconsciente e intuitivo, resulta do convívio humano em situações reais, em que a pessoa atua como sujeito ativo. Nos chama atenção, Gargallo (2010), quando cita o exemplo, de que a aquisição da L2, só ocorre se a pessoa passar a morar em um outro país, cujo o idioma é diferente do seu. Nesse momento essa pessoa começa a interiorizar o idioma desse país por meio da exposição natural e por interação com os falantes nativos.

Segundo Heredia (1989), uma exemplificação idêntica a respeito da aquisição de uma SL. De acordo com seu pensamento, esse processo acontece através da imersão linguística, ou seja, quando um indivíduo passa a conviver em outro país de idioma diferente do seu, tendo contato direto e constante com a língua nele falada. Esse é um exemplo de imersão linguística, pois o aprendiz não precisa estar em outro país para adquirir uma L2.

Não se deve desconsiderar na hora da aprendizagem, as características e as necessidades específicas ocorridas nas fases do desenvolvimento humano, pois, a aprendizagem na fase adulta, em geral apresenta essas características precisando de um planejamento para atender, e facilitar o processo dos estudos da LE. Aos poucos o indivíduo começa a interiorizar o idioma, por meio da exposição natural, e pela interação com os falantes nativos.

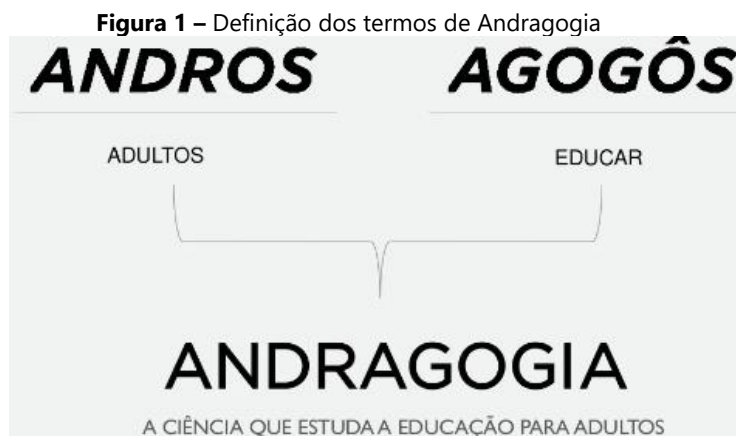
Segundo Griffin (2011, p. 25), “a segunda língua é aprendida por motivos instrumentais ou extrínsecos, isto é, aquela pessoa que está no país onde a língua é utilizada e por isso dela precisa, como um estudante ou um trabalhador que necessita da língua para sobreviver”. Enquanto, Gargallo (2010), em relação a aprendizagem de uma LE, afirma-nos: “É um processo consciente que ocorre através de instrução formal em sala de aula e implica um conhecimento explícito da linguagem como um sistema”.

Assim sendo, entende-se que no processo de aprendizagem de uma LE, não existe um contato direto e constante com o idioma. Os conhecimentos são repassados de acordo com um planejamento didático em que se aprende o funcionamento da estrutura gramatical, e memorização de vocabulário para que se tenha um bom desenvolvimento na aprendizagem. Além disso, é preciso a participação em interações de situações reais, com diversos falantes para que a comunicação e a aprendizagem seja estabelecida de forma efetiva.

Alguns adultos, procuram por curso de língua estrangeira, em que justificam as causas: devido a exigência do mercado de trabalho, o processo da globalização, o aperfeiçoamento, a ascensão, o diferencial no currículo profissional, e por motivos pessoais, com isso, surgem as metodologias adequadas e mais específicas.

Na concepção de Confortim (2013), as metodologias devem estar baseadas no modelo andragógico, conforme mostra a Figura 01. Andragogia vem “[...] do grego *andros*, significa do adulto, e *agogôs* significa guiar, conduzir, educar; esse termo foi utilizado pela primeira vez, em 1833, pelo alemão, Professor Alexander Kapp” (LITTO; FORMIGA, 2009, p. 106).

Desse modo, mesmo entendendo o processo de aquisição e aprendizagem de uma L2 ou de uma LE é preciso compreender, que existem diversos modos de aprendizagem envolvidos nesses processos, inclusive, na fase adulta que é o foco deste trabalho. A seguir, apresenta-se estudos e pesquisas sobre o modo de aprendizado de uma LE na idade adulta, Figura 1.



Fonte: Borges, 2016.

Como relata Osório (2003, p. 93), a Andragogia se manifesta em oposição à Pedagogia e que “[...] a andragogia é, portanto, a arte e a ciência de ajudar os adultos a aprender, por oposição à pedagogia como arte e ciência de ensinar às crianças. A andragogia se baseia noutros pressupostos de aprendizagem e de ação com os adultos”.

Portanto, é necessário um olhar qualitativo no momento de estudar, compreender e praticar a educação de adultos. A palavra Pedagogia é derivada de dois radicais da língua grega: *paidós* – criança e *agogé* – condução (LIBÂNEO, 2002). A Andragogia e a Pedagogia apresentam diferenças em alguns pressupostos, como se observa no Quadro 1.

**Quadro 1 – Diferenças entre o Modelo Pedagógico e Andragógico**

<b>PRESSUPOSTOS</b>	<b>PEDAGOGIA</b>	<b>ANDRAGOGIA</b>
<b>Necessidade de Saber</b>	Os educandos apenas sabem que devem aprender o que o professor lhes ensina.	O adulto tem necessidade de conhecer os motivos pelo qual deve aprender antes de se comprometer com a aprendizagem.
<b>Conceito de Si</b>	O professor vê no aluno um ser dependente. E essa dependência marca também, a autoimagem daquele que aprende.	O adulto está consciente da responsabilidade das suas decisões e da sua vida. Torna-se necessário que seja encarado como indivíduo capaz de se auto gerir.
<b>Papel da experiência</b>	A experiência do educando é considerada de pouca utilidade. Dá-se importância à experiência do professor ou dos materiais didáticos e pedagógicos.	Adultos são portadores de uma bagagem de experiências. A educação adulta deve se centrar nos processos individuais de aprendizagem face aos processos mais coletivos de outras etapas evolutivas.
<b>Vontade de aprender</b>	A disposição para aprender aquilo que o professor ensinarem, como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar: a finalidade de obter êxito e progredir, em termos escolares.	Os adultos têm a intenção de iniciar o processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade, para determinadas situações do dia-a-dia, na vida real.
<b>Orientação da aprendizagem</b>	Aprendizagem encarada como um processo de aquisição de conhecimentos. Lógica centrada nos conteúdos.	Aprendizagem encarada como resolução de problemas, e tarefas da vida quotidiana.
<b>Motivação</b>	Motivação para aprendizagem é extrínseca ao sujeito: pressões familiares, apreciações dos professores, classificações escolares.	Motivação para a aprendizagem também extrínseca (promoção profissional, melhor salário, etc.), mas principalmente intrínseca (auto-estima, satisfação profissional, qualidade de vida).

Fonte: Canário, 1999; Osório, 2003.

Dessa forma, o Modelo Andragógico surge em oposição ao Modelo Pedagógico e está centrado em uma etapa da vida do aprendiz, em que os interesses e as motivações são diferentes do Modelo Pedagógico, pois a aprendizagem deixa de ser aquisição de conteúdos disciplinares, passando a desenvolver competências por meio de resolução de situações-problema, que serão solucionadas através de vivências e experiências de vida do aprendiz. Knowles (1980, p. 43) definiu “Andragogia como a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender”.

O aprendizado na Andragogia é centrado nas necessidades de vivências do adulto na sociedade, em que as atividades pedagógicas devem conter ações reais em seu cotidiano, pois irão auxiliar no confronto com os problemas diários que irão aparecer na vida pessoal. O aluno passa a ser responsável por sua aprendizagem através da interação, e tomará posse dos conhecimentos que irão ajudar em sua autonomia.

A visto disso, analisa-se a experiência do aprendiz, porque se considera mais um subsídio na sua aprendizagem, pois a motivação no seu aprendizado surgirá a partir das vivências e interesses pessoais que

irão satisfazer na vida diária, na medida que a educação andrógica é fundamental para a melhoria do homem, desse modo, a educação irá torná-lo mais integrativo na vida social, conduzirá o crescimento na autoestima, e permanecer como ser social e na vida profissional.

## 2.1 Significância da Língua Inglesa para atualidade

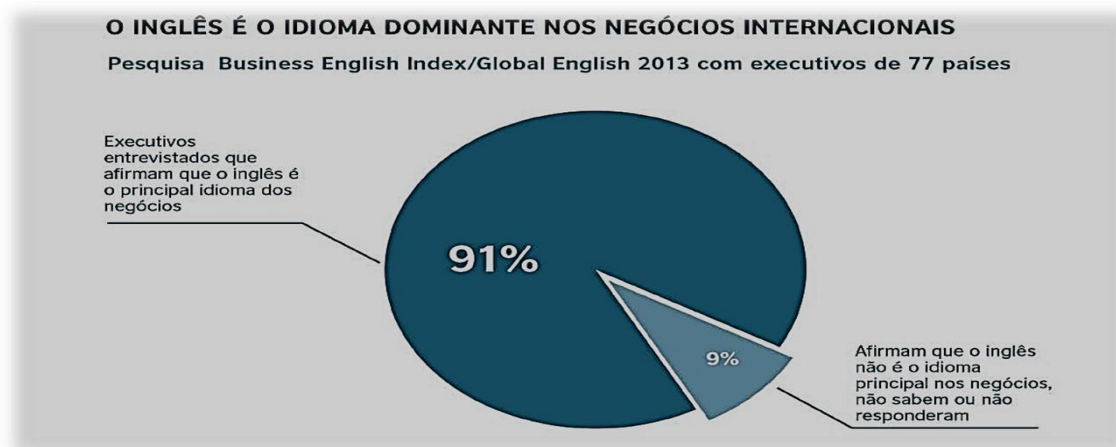
A Língua Inglesa (LI) surgiu por volta do século V, com os Anglo-Saxônicos, que acrescentaram, após as invasões dos séculos VIII e XI, elementos da Língua Nórdica, antiga dos Vikings criando a Língua Germânica Ocidental. O inglês permaneceu por muitos anos restrito a Grã-Bretanha, mas essa barreira foi rompida com o surgimento das Grandes Navegações que ampliou o domínio inglês criando as 13 Colônias Inglesas, que passaram a utilizar a LI em suas relações comerciais e pessoais.

No entanto, devido à pouca experiência nessa área de comércio, seus domínios, ainda, eram muito limitados, diferente de Portugal e Espanha, que a cada dia conquistavam terras e propagavam seus idiomas pelos portos do mundo. Mas, em 1873, com a independência das 13 Colônias Inglesas e o surgimento dos Estados Unidos da América (EUA), o inglês começou a ganhar impulso e conquistar vasto território.

A presença e o valor da LI na atualidade é inegável e imprescindível, pois se tornou essencial e fundamental, principalmente nas relações sociais, comerciais e profissionais, favorece o desenvolvimento de diversas competências, ou seja, aprender outro idioma potencializa a habilidade cognitiva da pessoa.

Segundo Hamers e Blanc (2000, p. 1), "Com o processo da globalização aumenta os movimentos da população devido à imigração, maior mobilidade social, e com a disseminação da educação, contatos entre culturas e indivíduos estão em constante crescimento". Portanto, aprender outra língua favorece as relações sociais, amplia o círculo de amizade, relacionamentos, favorece e estimula o interesse em conhecer outras pessoas, culturas, manter contatos, e melhorar as relações comerciais, conforme aponta o Gráfico 1.

**Gráfico 1 – O inglês é o idioma dominante nos negócios internacionais**



Fonte: <https://www.makeiteasyidiomas.com.br/old/nao-ha-tempo-a-perder-por-que-a-fluencia-no-ingles-vai-alavancar-sus-carreira-profissional/>.

Nas relações comerciais, principalmente as internacionais, falar só um idioma representa a menor capacidade comunicativa, pois só conseguem se relacionar com as pessoas que falam a mesma língua. Nos dias atuais, para uma pessoa ser admitida em diversas universidades estrangeiras, necessitará de nível de proficiência em sua língua, por essa razão, o pensamento da cultura de que, aprender a segunda língua faz parte do processo de aprendizagem desse indivíduo.

A LI é a língua internacional ou franca, a língua da aprendizagem, a língua do turismo, dos estudos, das relações comerciais e profissionais, a língua da comunicação mundial. Para Lima (2005, p. 9), aprender um segundo idioma como o inglês, "tem se justificado por razões que vão do *status* a real exigência de dialogar com um mundo sem fronteiras". Nos confirma, Paiva (2003, p. 10): "aprender uma segunda língua é uma missão" necessária como um instrumento de compreensão de mundo, de inclusão social e de valorização pessoal.

Assim, a globalização e a necessidade de uma linguagem eficiente tornou o inglês uma linguagem universal, desse modo, deixou de ser um privilégio de poucos, para se tornar uma necessidade de muitos. Leffa

(2001, p.10) diz que o inglês hoje “[...] é falado por mais de 1 milhão e meio de pessoas; o inglês é a língua usada em mais de 70% das publicações científicas; o inglês é a língua das organizações internacionais”.

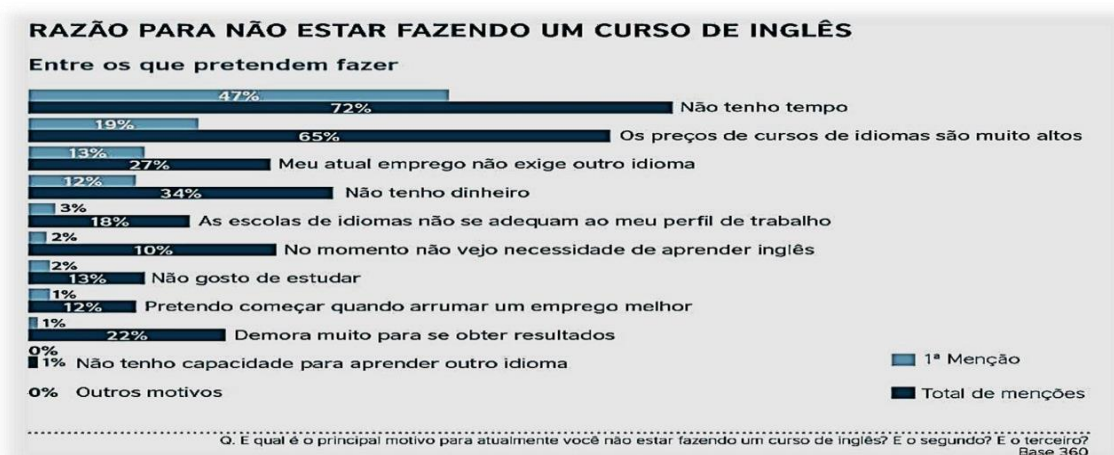
Diversos cursos de pós-graduação exigem a proficiência em uma língua estrangeira, principalmente o inglês, como pré-requisito indispensável. Siqueira (2010, p.26) afirma que “diante desse cenário, o mundo se sente compelido a estudar inglês. Amparando-se em inúmeras promessas associadas ao prestígio de poder se comunicar no idioma global, hoje tido como importante passaporte para o sucesso profissional.” No Brasil, a média de proficiência, permite que a pessoa compreenda informações básicas, não sendo capaz de compreender apresentações, participar de discussões ou executar atividades complexas na Língua Inglesa.

## 2.2 Principais dificuldades de aprendizado da língua inglesa na fase adulta

A língua inglesa é a língua internacional ou franca, a língua da aprendizagem, a língua do turismo, dos estudos, das relações comerciais e profissionais, a língua da comunicação mundial. Para Lima (2009, p. 9), aprender um segundo idioma como o inglês: “tem se justificado por razões que vão do *status* a real exigência de dialogar com um mundo sem fronteiras”.

Na compreensão de Figueiredo (1997, p. 26), “a idade do indivíduo é um dos fatores que determina o modo pelo qual se aprende uma língua.” Na idade adulta, o fator tempo representa o período mais ativo e extenso na vida do ser humano. Aprender uma LE, não é fácil, as múltiplas tarefas diárias, em muitas situações, exigem do adulto a priorizar as suas atividades diárias e, sempre, os estudos passam para o segundo plano, como apresenta o Gráfico 02.

**Gráfico 02 - Razão para não estar fazendo um Curso de Inglês**



Fonte: [https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas\\_de\\_aprendizagempesquisacompletapdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompletapdf), 2014.

O fator dedicação tem desmotivado alguns adultos na aprendizagem de uma LE, pois necessitam de bom desempenho nos estudos, dedicação, participação nas aulas, realização de atividades, pesquisas, aprofundamentos extraescolares, no entanto, não dispõem de tempo suficiente devido ao mundo adulto, e outros compromissos.

O fator medo se considera o mais desmotivador principalmente na fase adulta, na hora de aprender um idioma, memorizar palavras, frases, pois nesse momento de expressar, às vezes surge o medo de errar. Assim, o erro poderá ser “[...] um ponto de referência importante para dirigir as hipóteses para outros caminhos” (TORRE, 2007, p.19). Desse modo, compete à pessoa compreender as razões do erro, para tomar as medidas necessárias que irão ajudar a sanar ou superar as falhas, no processo de aprendizagem de uma segunda língua.

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa realizada com uma amostra de 15 alunos, por meio de contato direto com o ambiente e a situação investigada, através de estudo de caso. Essa ação facilitou o estudo da descrição e a buscar a compreensão dos fatos analisados considerando os componentes que englobam a realidade observada. Os dados descritivos foram adquiridos no contato direto com a situação estudada, com

ênfase no processo do que no produto, com a preocupação de retratar de forma fidedigna a realidade dos participantes.

O estudo de caso foi considerado o mais adequado, para alcançar as finalidades desta proposta. Ademais, o estudo visa à descoberta de novos elementos no decorrer da pesquisa, partindo de alguns pressupostos teóricos iniciais, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento do estudo, do contexto em que se encontra o objeto, pois deve ser feita uma análise em função das características específicas do local estudado. Para Godoy (1995b, p. 25), “[...] o objeto de estudo de caso é a análise profunda de uma unidade de estudo. [...] visa ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito, ou de uma situação particular”.

### 3.1 Sujeitos da pesquisa e critérios de análise

Esta pesquisa foi realizada com uma amostra composta por 15 alunos de uma turma do primeiro semestre, de Língua Inglesa do Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC), sendo oito homens e sete mulheres; a faixa etária entre os participantes variou entre 21 e 60 anos. Segundo o Quadro 2, foi traçada a caracterização profissional e a escolaridade dos estudantes que contribuíram para a realização deste estudo.

Quadro 2 – Caracterização profissional e a escolaridade dos estudantes que contribuíram no acréscimo da pesquisa

DENTIFICAÇÃO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
Aluno <b>A</b>	Analista Financeiro	Superior Incompleto
Aluno <b>B</b>	Estudante	Ensino Médio
Aluno <b>C</b>	Estudante de Medicina	Superior Incompleto
Aluno <b>D</b>	Téc. Manutenção Industrial	Superior Incompleto
Aluno <b>E</b>	Bancário	Superior Completo
Aluno <b>F</b>	Assistente Administrativo	Superior Completo
Aluno <b>G</b>	Fisioterapeuta	Pós-graduação
Aluno <b>H</b>	Economista	Superior Completo
Aluno <b>I</b>	Advogada	Pós-graduação
Aluno <b>J</b>	Professor	Pós-graduação Matemática
Aluno <b>K</b>	Jornalista (desempregada)	Superior Completo
Aluno <b>L</b>	Assistente Social	Superior Completo
Aluno <b>M</b>	Professora	Pós-graduação
Aluno <b>N</b>	Analista de Suporte	Superior Completo
Aluno <b>O</b>	Analista Contábil	Superior Completo

Fonte: Dados da pesquisa.

As técnicas de coletas de dados, a princípio, foi a observação participante com aplicação de um questionário contendo questões abertas. A observação possibilitou o contato pessoal e estreito com o assunto pesquisado. Quanto à explicitação do papel, dos propósitos do estudo junto aos sujeitos pesquisados, exerceu-se a função de observador participante, pois, deixaram-se claros os objetivos do estudo.

A observação participante às vezes é designada por trabalho de campo, caracteriza-se pela “inserção do observador no grupo observado. “Se o investigador apenas se integra no grupo a partir do momento em que se inicia o processo de investigação, falamos de observação-participação” (VARGAS, 2002, p. 119-120).

O conteúdo das observações envolveu parte descritiva, ou seja, o registro detalhado do que ocorre no local pesquisado e parte reflexiva das anotações, considerando-se as especulações, sentimentos, problemas, ideias, dúvidas, incertezas e decepções dos sujeitos participantes da pesquisa, os alunos. Segundo Valadares



(2007, p. 303): “a observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa.”

O questionário é um dos procedimentos mais utilizados para se obter informações, pois apresenta questões idênticas, para os participantes da pesquisa, assegura o anonimato e contém perguntas específicas para responder às finalidades do estudo. Esse instrumento indica a confiabilidade quando executada criteriosamente e pode ser desenvolvido para verificar opiniões, atitudes, comportamento, circunstâncias cotidianas do cidadão, entre outras questões.

Com base na definição de Lakatos e Marconi (1996, p. 130), estes teóricos “conceituam que se trata de um instrumento para recolher informação. É uma técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito às pessoas.” O questionário foi composto por oito questões, com perguntas abertas para o aluno do Curso de Inglês, para o participante expressar com mais liberdade suas opiniões, exprimir seus pensamentos pessoais, traduzi-los com suas palavras, conforme o seu sistema de referências.

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

A técnica utilizada para a interpretação de dados, os itens foram elaborados de forma bem clara, para garantir a precisão e a qualidade das respostas. Esses instrumentos proporcionaram um leque de respostas possíveis e imprevisíveis, dando, assim, ao pesquisador a condição de averiguar a relação entre as suas respostas e o objeto de pesquisa, buscando os pontos mais relevantes.

Em referência aos aspectos éticos, os participantes da pesquisa foram informados dos objetivos do trabalho, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garante que as informações obtidas neste estudo fossem mantidas em sigilo, que a sua identidade não fosse revelada e que sua participação não traria prejuízo para sua vida.

Ressalta-se que as identidades dos participantes foram preservadas através da omissão do nome, sendo representados por letra alfabética. Após a coleta de dados, realizou-se a leitura e a organização de todo o material coletado; em seguida, foi realizada exploração aprofundada e de forma descritiva, seguindo-se das inferências e interpretação dos resultados.

#### **4 ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO**

Para analisar os dados, usou-se os fundamentos da teoria e a prática, elucidando os dados adquiridos através da coleta de dados, bem como os pensamentos apresentados por cada aluno em sala de aula, com o propósito de relatar a participação ou não no Curso de Língua Inglesa. Ao realizar as observações na turma de primeiro semestre do referido curso, a professora e os alunos foram receptivos no decurso da pesquisa.

Observou-se que a sala de aula se encontrava limpa, climatizada, pequena, com várias cadeiras, causando certo desconforto, principalmente nas avaliações escritas, e apresentava um ambiente pouco estimulador, pouco cartazes, sem livros e jogos educativos. No entanto, a professora fez questão de expor na parede os trabalhos que os alunos realizaram.

Em relação ao desenvolvimento pedagógico dos conteúdos e atividades, percebeu-se o compromisso e a mediação da professora, que procurou idealizar um ambiente dinâmico e acolhedor. Zagury (2006, p. 21) afirma que: “o professor precisa mostrar a beleza e o poder das ideias, mesmo que use apenas os recursos de que dispõe: quadro-negro e giz”. A professora apresentou bom domínio no idioma em questão, a metodologia era dinâmica, interativa, não se prendia muito ao Livro Didático, sempre trazia atividades extras, e finalizava as aulas com dinâmicas ou músicas.

Através do whatsapp foi formado um grupo exclusivo pela professora, em que os alunos foram inseridos, para a integrem com informações, respostas de atividades, tira-dúvidas, sugestões de conteúdos, e atividades extras pela professora e alunos, além disso, esse ambiente fortaleceu o entrosamento entre os alunos-alunos e alunos-professora. As avaliações escritas não eram elaboradas pela professora da sala de aula, mas de acordo com as normas da instituição e dos conteúdos abordados na avaliação. Somente a prova oral foi elaborado pela professora da turma com a produção de vídeo, o aluno realizava sua apresentação em inglês e divulgava no grupo do *Whatsapp*.



Em relação aos alunos, a maioria dos alunos iniciou no nível básico; embora estivessem no primeiro semestre, apresentavam melhores conhecimentos na LI em relação aos demais alunos, porém procuravam ajudar e auxiliar aos que tinham pouco ou nem um conhecimento do idioma. Essa iniciativa favoreceu a interação e contribuiu para a troca de conhecimento entre eles.

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma, apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos (TASSONI, 2000, p. 6).

A interação no ambiente de aprendizagem era harmoniosa entre alunos-alunos e alunos-professora, favorecendo o processo de aprendizagem, pois os alunos se sentiram mais à vontade para interagir, tirar suas dúvidas, expor as ideias e opiniões. Na sala de aula, a interação é fundamental para o sucesso da aprendizagem, e a função do professor é ser mediador nas interações presenciais e virtuais.

Durante a aplicação do questionário, analisou-se o primeiro contato do aluno participante com a LI, as razões que direcionaram a estudar, a interferência do estudo da LI em seu cotidiano, as mudanças na vida do aluno após o início desse estudo e também a influência da idade, os principais medos e dificuldades, o tempo inserido para os estudos, e conhecer os propósitos que direcionam os participantes a concluírem ou não o curso. Os alunos foram identificados na pesquisa de Aluno A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, e O.

A Pergunta 01: Quando foi a primeira vez que você teve contato com a Língua Inglesa? Afirmou o aluno E, "Na escola de Ensino Médio", o mais velho da turma. No entanto, os Alunos B, D, J, N e O tiveram o seu primeiro contato com a LI no Ensino Fundamental. A maioria dos Alunos como o A, C, F, G, H, K e L, relataram que o seu primeiro contato com a LI foi na escola ou no colégio.

O Aluno K relata: "Na escola a aprendizagem foi muito superficial, por isso desde então senti a necessidade de aprofundar os estudos na língua". De acordo com Almeida Filho (2003, p. 29), "o ensino regular de língua nas escolas regulares produz resultados menores do que as expectativas do público e muito menores do que os especialistas cogitam".

Torna-se, pois, fundamental, conferir ao ensino escolar de Línguas Estrangeiras um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permitir-lhe acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribua para a sua formação geral enquanto cidadão (PCNLI, 1998, p. 52).

Somente dois alunos relataram situações diferentes fora do ambiente escolar: o Aluno M e o Aluno I. O Aluno M, relatou que seu primeiro contato com o Inglês foi "aos sete anos de idade num curso livre de inglês". Mais diretamente quando eu fui voluntária na Jornada Mundial da Juventude (2013), e na Copa do Mundo (2014). Nos afirma o Aluno I, relatando como foi o seu primeiro contato com a LI.

Na Pergunta 02: O que te motivou a estudar a Língua Inglesa? A motivação se mostra como um dos fatores afetivos mais importantes na aprendizagem de uma LE. Quanto mais motivado o aluno estiver para aprender, maiores serão suas possibilidades de atingir o sucesso. Cada aluno é motivado por razões diversas para aprender um idioma, e essas razões são cada vez mais diferentes.

Observa-se: "Para adicionar a minha profissão...", nos afirma o Aluno O: "[...] participar de processos seletivos para ganhar uma vaga de estágio, pois algumas empresas exigem domínio, no mínimo, no intermediário da língua", acrescenta o Aluno H. A necessidade profissional foi um dos motivos mais citados nas respostas dos alunos. Muitas empresas procuram por profissionais que dominem pelo menos um idioma, fruto da globalização.

Para "facilitar a comunicação em futuras viagens ao exterior", afirma o aluno O. Os planos para realizar viagens internacionais foi o segundo motivo mais citado entre os alunos. "A relação social, também foi uma das motivações citada nas respostas. "Facilitar as relações sociais", afirma o Aluno I e "[...] um desejo de se comunicar com outras pessoas [...]" complementou o Aluno F.

Outro motivo citado entre os alunos foi a necessidade acadêmica. Pode-se perceber isso nas falas dos alunos C e H, "[...] dominar a língua para melhor compreender artigos usados na faculdade" e "[...] já havia

durante a graduação a necessidade de ter domínio na Língua Inglesa, pois alguns professores contemplava alguma literatura da disciplina em inglês". Com a chegada da globalização, os alunos acadêmicos estão tendo mais acesso as obras estrangeiras, pois, requer conhecimento e domínio de um idioma para facilitar a aprendizagem. Outros motivos foram citados: fator motivador na aprendizagem da Língua Inglesa, como compreender manuais técnicos, músicas, textos virtuais, realização pessoal e ler textos em inglês.

A Pergunta 03: Como o Curso de Língua Inglesa interferiu em sua rotina cotidiana? A rotina diária de uma pessoa na fase adulta não é nada fácil, porque são várias obrigações, responsabilidades domésticas, e profissionais vivenciadas nessa fase. "Tive que abrir mão de outras atividades para fazer o curso que considerava importante e adaptar a minha rotina como prioridade [...]", afirma o Aluno G, e "para aprender inglês você tem que dedicar tempo.

A maioria dos alunos responderam que a interferência do Curso de LI foi um aspecto positivo, como se pode perceber na fala do Aluno N: "de forma positiva passei a ter mais horas de estudo da língua". O Aluno L nos confirma isso em sua fala quando diz que "[...] sabemos que para aprender um novo idioma requer uma rotina de estudos diários e muito esforço".

De acordo com Lima (2005, p. 144): "as expectativas estão intrinsecamente ligadas à motivação, na medida em que estas são projeções futuras sobre as ações necessárias para se atingir um determinado fim". Além dessas, muitas outras mudanças foram citadas em relação a vida profissional e acadêmica

Na Pergunta 04: Você acredita que a sua idade é um fator positivo ou negativo na aprendizagem da Língua Inglesa? Por quê? A metade dos alunos acreditam que sua idade é um fator negativo, como se observar na fala do Aluno K "negativo. Porque conseguimos assimilar melhor na infância, já que na fase adulta fica um pouco mais complicado..."

Ainda existe a crença de que só consegue ser fluente em uma LE quando se começa a estudar na infância ou na adolescência, no entanto, não quer dizer que a pessoa que inicia a estudar na Fase Adulta, não tenha a mesma capacidade de se aproximar ou desenvolver a fluência idêntica a alguém que estuda um idioma desde a infância. Na verdade, o fator idade não é o grande problema apontados pelos alunos, mas a falta de tempo, as obrigações e as responsabilidades que estão relacionados a essa fase que dificultam a aprendizagem de um idioma.

Na compreensão de Krashen (1982), nos chama atenção quando relata que se popularizou a ideia de que o adulto não aprende tão facilmente como os mais jovens. Outrossim, a idade não é o fator que faz a diferença, e sim o nível afetivo, e o esforço que o aluno apresenta para essa aprendizagem.

Sendo assim, observou-se que a fase adulta se encontra associada a diversos motivos, para conseguir desenvolver estratégias de aprendizagem eficientes; e para contribuir com o sucesso nos estudos de uma LE, pois é preciso conhecer, ter afinidades com os fatores físicos, cognitivos e afetivos, caso contrário, poderá ocorrer dificuldades em seu processo de aprendizagem.

A Pergunta 05: Para se alcançar bons resultados nos estudos de um idioma é preciso tempo e dedicação diária? Conforme o Aluno M: "devido as responsabilidades e obrigações da Fase Adulta, não tenho tanto tempo livre pra se dedicar aos estudos necessários, para aprender um idioma" e complementa o Aluno G: "na minha opinião, o que dificulta é o tempo para estudar que é reduzido devido as responsabilidades de trabalho e familiar".

Nesse contexto, a falta de tempo e dedicação, dificulta as pessoas nessa fase adulta a se dedicarem aos estudos de um segundo idioma, pois requer tempo para se deslocar e permanecer no curso, realizar atividades extras de aprofundamento, aprimoramento de conhecimento, e no e no entanto, devido aos diversos fatores e obrigações que envolvem o mundo adulto, alguns não conseguem essa dedicação diária, os irão se atrasar o seu processo de aprendizagem.

Na Pergunta 06: Quais são os seus medos quando você está participando das aulas de Língua Inglesa no curso? "Nenhum medo, apenas algumas vezes acho o curso difícil, aí procuro estudar mais e superar as dificuldades", afirma o aluno E. Nesse item 06, os alunos disseram não ter medo nenhum, no entanto, oito relataram ter algum medo, quando estão participando das aulas de LI.

Os Alunos de LE podem sofrer bloqueios em sua aprendizagem devido alguns medos, tais quais: de parecer ridículo ao se expressar oralmente, medo de se expor na frente dos outros colegas, medo de não aprender, vergonha, medo de ser avaliado negativamente por colegas ou professor, desconforto e inibição (MICCOLI, 2010).

A aprendizagem de uma língua estrangeira sempre gera medo na maioria dos alunos dificultando, assim, a internalização e reprodução do idioma. Um dos maiores medos citados entre os alunos na pesquisa estava relacionado a pronúncia como se pode ver no comentário do Aluno C: "meu maior medo é falar em

inglês pra turma porque eu até consigo escrever e pronunciar um pouco, mas tenho muita dificuldade de formar frases pra serem faladas, e também dificuldades na fala” e o Aluno O complementa: “fazer uma pronúncia errada sempre é meio constrangedor”.

Segundo o Aluno K: “nas primeiras aulas tinha medo de errar, mas isso foi desaparecendo com a didática da professora e as interações com os meus colegas de classe”. O papel do professor é essencial nesse aspecto, porque é ele quem cria e guia as situações que permitem os alunos superarem seus medos e conseguirem desenvolver as habilidades necessárias no estudo do idioma.

Na Pergunta 07: Quais foram as maiores dificuldades que você sentiu durante o Curso de Língua Inglesa? As maiores dificuldades apresentadas entre os alunos durante o Curso de LI: a pronúncia, a gramática e a falta de tempo para os estudos. “Minha maior dificuldade sem dúvida é o speaking, e também a disponibilidade de tempo pra estudos complementares”, afirma o Aluno C, e complementa o Aluno O: “existem duas dificuldades, tanto na gramática que é diferente e como na pronúncia das palavras que também existe a sua dificuldade”.

Com base nesses relatos, é possível perceber que nessa fase adulta, ocorrem diversos contratempos durante o seu processo de aprendizagem, imposições da sociedade em referência da necessidade de aprender inglês, ansiedade própria em aprender a língua em curto prazo de tempo, dentre outros.

A incapacidade do sujeito adulto em lidar com as três dimensões postas em operação que são: afirmação do eu, trabalho do corpo e a dimensão cognitiva; para falar uma língua estrangeira solicitam-se as bases da nossa estruturação psíquica e ao mesmo tempo o instrumento e a matéria dessa estruturação que é a língua materna (PALLU, 2008, p. 129).

No entanto, falar em inglês não é somente repetir ou decorar frases prontas, mas expressar opiniões, manter um diálogo, e possuir maturidade verbal e lexical, para emitir suas ideias. O estudo da gramática inglesa é importante para o desenvolvimento dessa habilidade, pois fornece ao aluno o conhecimento necessário para a estruturação das frases.

Na Pergunta 08: Quanto tempo você tem se dedicado a estudar a Língua Inglesa fora do curso? A maioria dos alunos relataram que estão dedicando algum tempo de estudo para a LI fora do curso, conforme os relatos: “Não tanto quanto desejaria, mas estou me organizando para focar melhor. Hoje em torno de 15 minutos diários, e as aulas no final de semana”, afirma o Aluno D. “Muito pouco, média de uma hora por semana, no máximo”, relata o Aluno I. “Pouco tempo or volta de 40 minutos por dia”, complementa o Aluno O.

As responsabilidades que fazem parte dessa fase, tem sido uma das justificativas, segundo o Aluno M: “pouco tempo, porque as responsabilidades têm me tomado a maior parte do meu tempo”, e complementa o Aluno C, quando diz que dedica “pouquíssimo tempo e quando estou muito cheia de compromisso eu basicamente deixo os estudos do Inglês, para as vésperas de provas e tento também fazer uso do app que reforçam a língua pra ocupar algum tempinho livre”.

Portanto, para se ter bons resultados no idioma é preciso dedicação diária, principalmente, porque a maioria dos aprendizes, não tem contato constante e direto com a LI no seu cotidiano, uma vez que, exige disciplina, e, em especial, quando se tenta estudar uma nova língua na etapa da vida adulta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude, da globalização e a necessidade de uma língua de comunicação eficiente, fez com que o inglês se tornasse fundamental, em todas as esferas de atividades, visto que, dominar a língua inglesa passou a ser essencial, para o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional, apesar de ocorrerem certas dificuldades para aprender. No decorrer do estudo foi possível conhecer vários conceitos, concepções de autores referentes ao processo de aquisição e aprendizagem de uma Língua Estrangeira, a diferença entre a aquisição e a aprendizagem de uma segunda língua na fase adulta, e a relevância da Língua Inglesa, na atualidade.

Apesar desta pesquisa ter sido realizada na turma de primeiro semestre de Língua Inglesa do Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC), uma amostra composta por 15 alunos do referido curso, em que foram registradas as principais dificuldades em aprender a língua inglesa na fase adulta: pronúncia, gramática, e falta de tempo para os estudos complementares.

Apesar da maioria dos alunos terem o seu primeiro contato com a LI, na escola regular, garantido nos PCNLI, um ensino de qualidade e competência, não foi suficiente para desenvolver uma aprendizagem eficiente

nos alunos. Observou-se que ao estudar um Curso de LI, na fase adulta devido as obrigações, responsabilidades domésticas, e profissionais vivenciadas nesse período, não é fácil, precisa da prioridade, modificar a rotina dos estudos, e na maioria dos alunos não tem uma rotina diária de estudos na LI, ou só estudam nas aulas de inglês, ou na véspera de provas.

Essa situação é preocupante, pois o aluno de LI deve ter contato diário, para conseguir desenvolver as habilidades necessárias do idioma. É preciso de fato que o aluno tenha uma rotina de estudos diários, para alcançar o sucesso na aprendizagem. Contudo, mesmo diante dos obstáculos, certas limitações, a maioria dos alunos pretendem continuar o Curso de LI, ainda existe o desejo de crescer profissionalmente, adquirir boa fluência, e pessoal.

Sugere-se que esse tipo de pesquisa deve ser usada em qualquer faixa etária, para descobrir se existe as mesmas dificuldades, na aprendizagem de uma língua estrangeira, visto que, o processo de ensino de inglês para adultos poderá ser interessante e, ao mesmo tempo, gratificante.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, M. **Andragogia**. 2016. Disponível em: <https://www.slideshare.net/TchelaBorges/andragogia-62583152>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, fev. 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Introdução. 5ª a 8ª Séries – Língua Inglesa. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental/MEC, 1998.

CANÁRIO, R. **Educação de Adultos**: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa, 1999.

CONFORTIM, H. O aprendizado de língua estrangeira por adultos: reflexões necessárias. **Perspectiva, Erechim**, v. 37, n. 140, p. 7-18, dez. 2013. Disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140\\_368.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_368.pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

DE HEREDIA, C. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (org.). **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989.

FIGUEIREDO, F. J. Q. **Aprendendo com os erros**: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

GARGALLO, I. S. **Linguística aplicada a la enseñanza-aprendizaje de español como lengua extranjera**. 3. ed. Madrid: Arco Libros, 2010.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KNOWLES, M. **A prática moderna da educação de adultos**: da pedagogia para andragogia. 2. ed. Nova York: Associação Press, 1980.

KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. *In*: LEFFA, V. J. (org.). **O Professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas: EDUCAT, 2001.

LIBÂNEO, J. C. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. *In*: PIMENTA, S. G. (org.). **Pedagogia e Pedagogos**: caminhos e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, S. S. **Crenças de uma professora e alunos de quinta série e suas influências no processo de ensino e aprendizagem de inglês em escola pública**. 2005. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

LIMA, K. B. F. **A sala de aula de língua inglesa**: vencendo barreiras na produção escrita. 2009. 193f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

LITTO, F. M.; FORMIGA, M. **Educação a Distância**: Estado da Arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MICCOLI, L. **Ensino e aprendizagem de inglês**: experiências, desafios e possibilidades. Campinas: Pontes Editores, 2010.

MOREIRA, A. F. **Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007. Notas de aula.

OSORIO, A. **Educação Permanente e Educação de Adultos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2003.

PAIVA, V. L. M. O. **O lugar da leitura na aula de língua estrangeira**. *Vertentes*, n. 16, p. 24-29, 2000. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/leitura.htm>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PALLU, P. H. R. **Língua inglesa e a dificuldade de aprendizagem da pessoa adulta**. Curitiba: Pós-Escrito, 2008.

SANCHEZ, P. P. **Dominar outro Idioma é uma Necessidade Profissional**. 1997. Disponível em <https://birdgei.com/2010/07/18/dominar-outro-idioma-e-uma-necessidade-profissional/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SCHÜTZ, R. Assimilação natural x ensino formal. **English Made in Brasil**, 2002. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SIQUEIRA, S. Inglês como Língua Internacional: Por uma Pedagogia Intercultural Crítica. *In*: SILVA, K. A. da. (org.). **Ensinar e Aprender Línguas na Contemporaneidade**: linhas e entrelinhas. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Vol.1. Campinas: Pontes, 2010.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem**: A relação professor-aluno. Campinas: ANPED, 2000.

TORRE, S. **Aprender com os erros**: o erro como estratégia de mudança. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VALADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>. Acesso em: 16 abr. 2022.

VARGAS, J. **Sociologia**. Lisboa: Porto Editora, 2002.

WALD, P. Língua materna: produto de caracterização social. *In*: VERMES, G.; BOUTET, J. (org.). **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989.

ZAGURY, T. Fala mestre. **Nova Escola**, n. 192, p. 20-22, maio. 2006.